

A PERSPECTIVA DO CINECLUBISMO NA PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADES E ROMPIMENTO DE ESTEREÓTIPOS DA SOCIEDADE ATUAL: ANÁLISE DO CINECLUBE MATE COM ANGU NA BAIXADA FLUMINENSE¹

Teresa Cristina Santos Balbino²

Rosangela Malachias³

*Universidade do Estado Do Rio de Janeiro/Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (UERJ/FEBF)
tetecris17@gmail.com*

Resumo: O presente trabalho visa analisar a trajetória histórica do processo de construção do cineclubes Mate com Angu, localizado no município de Duque de Caxias, Baixada Fluminense. Tendo como objetivo compreender o cineclubes como espaço de desconstrução de estereótipos culturais, sociais, étnico-raciais e de gênero, como locus de produção artística. Esse trabalho se justifica pela tentativa da articulação dos campos Comunicação e Educação. Pretendemos refletir sobre as possibilidades de emancipação e produção de novas subjetividades e realidades através do cineclubismo. O nome do cineclubes Mate com Angu é uma homenagem a educadora Armanda Álvaro Alberto, fundadora da Escola Regional de Meriti e criadora da merenda escolar, na época, por falta de recursos econômicos reduzida a chá mate e mingau de fubá. Mate com Angu se tornou o nome perfeito devido a riqueza histórica que o termo possui. Fundado em 2002, exibe curtas e longas metragens produzidos por eles ou por outros cineclubistas da Baixada Fluminense. Realiza exposições toda última quarta-feira do mês, na Sociedade Musical e Artística Lira de Ouro, o cineclubes configura-se como espaço de possibilidades para formulação, construção e realização de novas perspectivas em relação a cultura e a educação, com vistas a equacionar desigualdades insolúveis, através da educomunicação.

Palavras-chave: Cineclubismo, educomunicação, desigualdades, subjetividades.

1. Introdução – Contexto Metodológico

O cineclubes Mate com Angu, espaço cultural localizado na Baixada Fluminense, mais precisamente em Duque de Caxias é o tema de pesquisa adiante apresentada. Três aspectos justificam esta escolha. O primeiro refere-se ao trabalho lá desenvolvido de valorização cultural e

¹ A temática recebeu menção honrosa na 26ª Semana de Iniciação Científica da UERJ (SEMIC) e será aprofundado para o Trabalho de Conclusão de Curso da graduanda Teresa Cristina.

² Graduanda de Pedagogia da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF/UERJ), bolsista do CNPq-SELIC/UERJ no projeto Diálogos pedagógicos, transculturais e educacionais - Mulheres Líderes da Baixada Fluminense.

³ Orientadora da graduanda, Doutora em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Fellow Ryoichi Sasakawa (Japão), consultora acadêmica do Programa Raça, Desenvolvimento e Desigualdade Social – Brasil Estados Unidos (USP-UFBA-Howard University – Vanderbilt University), Professora da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense/UERJ e Coordenadora do projeto Diálogos pedagógicos, transculturais e educacionais - Mulheres Líderes da Baixada Fluminense.

histórica da região. O segundo aspecto, que muito nos interessou é a sua localização geográfica próxima ao Campus da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, Duque de Caxias. E o terceiro considera a possibilidade de ampliação de parcerias e projetos que articulem na teoria e na prática, os campos da Educação e Comunicação.

Partimos do pressuposto que o cineclube é um espaço de educação não formal, que historicamente visa a emancipação dos sujeitos. Focamos na produção audiovisual por suas funções socializadora, transformadora e facilitadora de acesso ao conhecimento. Exatamente devido a suas funções, analisamos como os filmes podem contribuir para desconstrução de estereótipos culturais, sociais, étnico- raciais e de gênero através da emancipação e produção de novas subjetividades e realidades para os sujeitos inseridos neste processo de socialização e educação.

O presente ensaio está organizado em tópicos: O primeiro tópico refere-se a história do cineclubismo no Brasil e suas funções na sociedade vigente (BUTRUCE, 2011); o segundo aborda a trajetória do cineclube Mate com Angu e seus impactos na Baixada Fluminense, com base no livro “O cerol fininho da Baixada”⁴ último tópico discutimos o uso do cineclubismo na esfera da educação, fazendo a articulação com o campo da Educomunicação. Na conclusão, focamos o uso do cineclube como recurso de desconstrução de estereótipos (HALL, 2006) e emancipação dos sujeitos na perspectiva da Educação não formal (GOHN, 2008).

2.1 Procedimentos metodológicos

Adotamos a abordagem qualitativa para desenvolver o artigo. Optamos por levantamentos bibliográficos acerca das produções que relatam e propõe reflexões sobre o cineclube Mate com Angu e o ato do cineclubismo, juntamente com elaboração de uma entrevista com alguns de seus idealizadores. Observamos as exposições do Mate com Angu na Sociedade Musical e Artística Lira de Ouro, atualmente local onde o cineclube realiza suas exposições toda última quarta-feira do mês.

No ano de 2016 começamos a investigar o Mate, porém não conseguimos observar e participar dos trabalhos realizados pelo grupo devido a participação deles em um evento fora do estado, entretanto conseguimos realizar via email as entrevistas com dois integrantes do Cineclube. Em 2017 participamos do festival Mate com Angu de cinema popular que aconteceu em vários espaços da Baixada Fluminense, como Belford Roxo e Duque de Caxias. A grande mídia massacra tanto a

⁴ Livro escrito por Heraldo HB, um dos fundadores do cineclube Mate com angu em comemoração dos dez anos do cineclube. No livro Heraldo relata a trajetória do cineclube.

Baixada com lugar onde habitada a violência, que fica inconcebível pensar diferente. Todavia, no audiovisual podemos encontrar formas de valorizar as culturas, histórias e os conhecimentos de a localidade produz e possui. Conseguimos ver a Baixada através de cores, sons e imagem pela ótica dos moradores e frequentadores da localidade sem uma visão caricata de terra sem lei, violenta e precária.

Exatamente nessa perspectiva de valorização cultural da Baixada que iniciamos a observação ao Mate com Angu para concluirmos uma disciplina do curso de pedagogia da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense/UERJ, chamada Cultura: o local e o global, ministrada pela Professora Doutora Rosangela Malachias, coordenadora do Programa Movimentos Sociais, Diversidade e Educação (PROMOVIDE) onde as ramificações e aprofundamentos deste projeto e outrossobre a temática do audiovisual como instrumento de promoção de equidade vêm sendo desenvolvidas. O trabalho apresentado na disciplina tinha como objetivo identificar espaços produtores de culturas presente na Baixada Fluminense e tentar articular tanto cultura na visão local quanto na global.

O trabalho original sofreu duas ramificações e aprofundamentos: a primeira na tentativa de articular a educomunicação no rompimento de estereótipos existentes na sociedade e na produção de subjetividades, que será dissertada nesse artigo. A segunda analisamos o avanço e o papel das mulheres produtoras de filmes na Baixada, através da participação do festival Mate com Angu de cinema popular, festival esse que exhibe e reúne cineclubistas e produtores independentes do Brasil inteiro. No trabalho realizado nessa segunda perspectiva foi apresentado na 6th WLE/MLE Brasil⁵.

O cineclubismo no Brasil e a função política cultural do cinema

O cineclubismo no Brasil tem o seu marco em junho de 1928 com a criação do Chaplin Clube, no Rio de Janeiro. Logo após, em 1940, a Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo fundou o clube de cinema. Nesse início do cineclubismo, o acesso era restrito para pequeno grupo de intelectuais da área cinematográfica, mas já havia a iniciativa de trazer a reflexão crítica e coletiva ao cinema.

O Departamento de imprensa e propaganda (DIP) fechou o clube de cinema que só retomou suas atividades no fim do regime. Logo surgiram vários cineclubes em todo Brasil. Passando a expansão

⁵ 6th Women Leading Education Conference/ 6ª Conferência Mulheres Líderes em Educação realizada em julho de 2017 na cidade de Duque de Caxias. A Faculdade de Educação da Baixada Fluminense/Uerj foi a Instituição Organizadora do evento.

do cineclubismo começaram as primeiras entidades responsáveis pelos cineclubes da sua região. A primeira foi São Paulo, logo após Rio de Janeiro, Minas, Nordeste, Gaúcha e a do Centro- Oeste.

Com advento e expansão do movimento cineclubista, as universidades e as escolas começaram a desenvolver os cineclubes com caráter político e voltado para a população, mas com a ditadura militar as entidades responsáveis pelos cineclubes fecharam ou foram proibidas de atuar. Na década de 70 o cineclubismo começou a retomar suas atividades de forma lenta. O movimento acabou perdendo sua característica política –cultural, só em 2000 os cineclubes voltam a sua característica original e começou a se espalhar novamente. A autora Butruce relata a importância da característica política- cultural dos cineclubes:

É vital a criação de espaços que possibilitem o contato com um outro tipo de manifestação cultural, um pouco mais livre dessa pressão mercadológica. Os cineclubes se mostram como o lugar propício para essa prática, difundindo obras cinematográficas que não têm lugar na rede de exibição comercial. (BETRUCÉ, 2003, p.123)

Na sociedade atual vivemos fortemente o fenômeno da indústria cultural, que transforma a cultura em mercadoria segundo as necessidades e desejos dos indivíduos com intuito de alienar e adaptar esses sujeitos as regras e normas da sociedade vigente. O cinema é um instrumento poderoso na comunicação, utilizado pela indústria cultural devido a uma das suas funções que é entretenimento. O filme provoca inúmeras emoções de acordo com nossas subjetividade. Ele permite que o indivíduo se distraia do seu cotidiano denso e cansativo, acionando os gatilhos emocionais que possibilitam o sujeito se encanta, ri, chora, rejeita. O audiovisual conta uma história, transmite uma mensagem, quando produzimos e vemos um filme assimilamos e internalizamos seus discursos negativamente ou positivamente, afetando diretamente nossas subjetividades. Devido a caráter socializador e modificador de subjetividades, o cinema se torna um recurso para desconstrução de estereótipos e produção de novas identidades e realidades. O audiovisual é um instrumento que pode ser usado na libertação da alienação imposta pela indústria cultural.

Análise do cineclubes Mate com Angu

O cineclubes Mate com Angu está localizado na Baixada Fluminense, município chamado Duque de Caxias, Um lugar que sofre muito devido ao estereótipos dada a ele principalmente pela mídia. O local abriga várias culturas, identidades e um grande número de imigrantes e refugiados.

Antes do cineclube ser fundado, seus idealizadores já possuíam o desejo de mostrar a Baixada Fluminense por uma outra ótica. Uma ótica de morador inconformado com as ideias estereotipadas da Baixada. O desejo de demonstrar a região por outro ângulo levou o um dos idealizadores a filmar o seu próprio bairro, situado em Duque de Caxias. O desejo virou um projeto que se tornou o começo do cineclube. Em uma reunião com a Associação de professores e pesquisadores da Baixada Fluminense (APPH-Clio) na Fundação Educacional de Duque de Caxias (FEUDUC) em 2002, o cineclube foi oficializado. Heraldo HB cita sobre o Mate com Angu

Uma organização que pudesse espalhar a semente do audiovisual na cidade, exibir os clássicos nacionais, as novidades da retomada e, principalmente, mostrar o que estava sendo produzido naquele momento histórico, os “Progresso Primavera”⁶ que certamente estavam tomando vida pelo país adentro. (HB, 2013, p.49)

Por muito tempo Duque de Caxias estava escondida atrás de muitos enquadramentos relacionado a miséria, ao abandono do Estado, pela depredação ambiental, pelos grupos de extermínio dentre outros fatores que são usados como embasamento para os preconceitos em relação a cidade. Uma das principais figuras responsáveis por vários estereótipos ligado a Baixada é o deputado Tenório Cavalcanti, conhecido como o Homem da capa preta no período de 1940 a 1960. Heraldo relata “Essa fama de terra da pistolagem foi aproveitada e ainda mais reforçada sinistramente nos anos da ditadura militar pela imprensa sensacionalista, que endeusava a ação de Esquadrão da morte, do mão branca e afins, e folclorizava a cidade com requintes de mundo cão”. Porém apesar de todos os fatores negativos que Duque de Caxias enfrenta, a cidade é rica culturalmente, historicamente e até economicamente⁷.

O Cineclube Mate com Angu trazer a visão de valorização dessas riqueza que o município possui, rompendo os estereótipos existentes na Baixada, além de promover o acesso a linguagem cinematográfica. O grupo nas suas exibições trabalham em conjunto com outras manifestações culturais e artísticas como: sarais de poesia, teatro, dança, apresentações musicais dentre outras, trazendo o caráter dialógico ao cineclube. O Mate com Angu favorece o contato do cineasta com o público estabelecer uma conversa informal e distraída no espaço do cineclube. Tais ações possibilita

⁶ Progresso Primavera é citado por Heraldo como a iniciativa de filmar o seu bairro, sua realidade através de uma nova ótica.

⁷ O município de Duque de Caxias se encontra em 2º lugar no ranking do PIB do Estado do Rio de Janeiro e em relação ao Brasil a cidade está em 19º lugar. Informação extraída do site do instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

novas subjetividades, o sujeito passa a participar e dialogar com os processos sociais e culturais que se encontram no cineclube e o indivíduo se sente representado através das narrativas propostas no filme pois relata o que vive e presencia no seu cotidiano. Hall (2006, p.13) cita que “... à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente”.

O Mate trabalha com as áreas de exibição, de produção e de formação. No campo da produção além de curtas, vinhetas e outros, o grupo produz 2 livros, “O cerol fininho da Baixada” que conta a história do coletivo Mate com Angu, escrito por uns dos idealizadores do cineclube e o “Baixada 3.2 MP” composto de fotografia feitas por Igor Freitas que retrata o cotidiano e a realidade da Baixada Fluminense. A formação no Mate se dá através de debates e oficinas no próprio cineclube, escolas da região ou em outros espaços. O grupo analisado entende como a comunicação pode e contribuí na educação e no ato de emancipação dos sujeitos.

O nome Mate com Angu se remete a merenda escolar da Escola Regional de Meriti, um grande símbolo histórico referente a educação no Brasil. A Escola Regional de Meriti, que na época era chamada Escola Proletária de Meriti, foi um projeto da professora Armanda Álvaro Alberto que pretendia alfabetizar os filhos dos trabalhadores que viviam em Meriti, que atualmente é município de Duque de Caxias. Armanda era uma mulher revolucionária que luta pela educação, pela igualdade racial, pela emancipação das mulheres e contra o governo autoritário. Devido as suas lutas, ela foi presa várias vezes como agitadora.

Influenciada pelas ideias de Maria Montessori e o Movimento da Escola Nova, Armanda foi uma das mulheres a assinar o manifesto dos pioneiros, a Escola Regional de Meriti foi a primeira do país a ter jornada integral, uma biblioteca, um museu natural, um receptor de rádio, um círculo de mães, um programa de saúde integrado para os alunos e suas famílias e possuía uma orientação progressista e montessoriana. A escola também foi pioneira na América Latina a servir merenda escolar que vinha da contribuição dos comerciantes locais que geralmente levavam erva mate e fubá, devido a essa combinação a escola recebeu o apelido mate com angu.

A Escola Regional de Meriti foi uma revolução na educação na época, pois se tratava de um projeto voltado para várias questões debatidas até hoje. Ao escolher o apelido Mate com Angu, o grupo reviveu a história da educadora Armanda Álvaro Alberto e a questão da educação no país e na região de Duque de Caxias. Havia poucos textos e livros falando sobre Armanda na época,

atualmente há um bom número de materiais que tratam sobre ela e a Escola Regional de Meriti, além de vários movimentos culturais e artísticos usarem a educadora com referência.

Tornar o cinema acessível na região de Duque de Caxias através do cineclube é algo revolucionário, principalmente pelo projeto que o grupo em questão desejava nesse espaço. O coletivo se mostra interessado em minimizar os estereótipos ligados a Baixada e pretende espalhar a riqueza cultural, local e histórica da região, dizendo ao mundo que o município produz conhecimento, artes e política. O cineclube é um espaço de construção e de transformação onde circulam várias significações e representação que perpassam o indivíduo. Heraldo (2013, p.26) cita “A ideia do mate era justamente revelar essa riqueza que Caxias tem e que vem da diversidade, e de certo “jeito Caxias” de ser, que é absolutamente cinematográfico”.

Cineclube e Educomunicação

As tecnologias estão presente na nossa sociedade e elas provocam várias mudanças nos comportamentos, nos pensamentos e nas subjetividades. Os filmes produzem conhecimento que permite a reconstrução da realidade através das representações e discursos abordados nos enredos dos filmes que passam pelas subjetividades dos espectadores.

O cineclube Mate com Angu ao trazer filmes produzidos pensando na Baixada e nos conflitos sociais e econômicos vividos por essa população, o grupo está desconstruindo um ideia que era presente no audiovisual, que os filmes era produzidos através de um olhar masculino, branco, ocidental e heterossexual. As outras representações existentes no mundo não possuíam vozes, não tinha o direito de falar por si, sempre o homem hétero e branco falam sobre essas representações a partir da sua visão. O cineclube foi um espaço onde as identidades como mulheres, negros, gays dentre outras encontram lugar para ser debatidas e discutidas, contribuindo para construção de novas subjetividades e suas divulgações a partir do audiovisual. Segundo Malachias (2004), o poder inegável que as mídias possuem para a profusão de mensagens, ideias e valores, deve ser criticamente mediado visando a reversão e combate de estereótipos. Hall cita

O fato de que projetamos a "nós próprios" nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando- os "parte de nós", contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural". (Hall,2006, p.12)

O cinema está diretamente ligado as nossas emoções, as nossas interpretações de mundo. O mate

possibilita o acesso a outras visões de mundos, outras narrativas desconstruindo ideias preconceituosas, outras formas culturais e outros embates com a uso do audiovisual. A relação que seus idealizadores trouxeram de cada exibição possuísse uma outra manifestação artística nos mostra com eles estão preocupados em possibilitar novas experiências, novas possibilidades de formação de visões de mundos, representações, questionamentos e forças de sair. A autora Gohn (2008) relata que a educação não formal visa a aprendizagem através de novas possibilidades, que se dá devido a criatividade, a imaginação e pelas representações coletivas. O cineclube trabalha com essa vertente ao proporcionar o contato com a linguagem cinematográfica rica em conhecimentos, conflitos e questionamentos.

A adoção metodológica da educomunicação implica a compreensão da criação planejada, democrática, reflexiva e transcultural (MALACHIAS, 2017) das mediações feitas tanto na recepção feita por (telespectadores/cinéfilos/ouvintes etc), quanto na produção/concepção das diferentes mídias. O processo educacional é educativo ao ser, no caso do cineclube, mediado por filmes de forma crítica e autônoma, possibilitando aos sujeitos construir seus próprios discursos e identidades. O filme não deve ser visto como um complemento dos conteúdos escolares ou como uma forma divertida de transmitir dado conteúdo. O audiovisual vai além de ser um instrumento que permite a assimilação dos alunos, ele é um recurso político, crítico e emancipador. O audiovisual quando associado a educação é mais levando em consideração sua função de entretenimento do que arte de provocação. Deleuze relata os deslocamentos identitários e os discursos proporcionado pela arte:

Como a escultura, quando deixa de ser monumental para tornar-se holológica: não basta dizer que ela é paisagem e que ordena um lugar, um território. Ela ordena caminhos, ela mesma é uma viagem. Uma escultura segue os caminhos que lhe dão um fora, só opera com curvas não fechadas que dividem e atravessam o corpo orgânico, só tem a memória do material. (DELEUZE, 1997, p.89)

O Mate ao abordar a Baixada não mais com olhos pejorativos, mas com intuito de passar novos olhares sobre a essa região, possibilita não só aquelas visões que as narrativas dos filmes quer trabalhar, abre espaços para novas visões dentro desses discursos cinematográficos. Motta e Fusaro afirmam que “o acesso enriquecedor à leitura dos dispositivos não verbais de um filme pode se transformar em um instrumento libertador para o aluno. Quando o cinema é usado como um instrumento provocador, como a visão do Mate o cinema é emancipador de sujeitos antes excluídos, antes escondidos através de enquadramentos feitos pela mídia e pela sociedade civil. Maria Gohn

(2008) afirma

Neste novo cenário, as lutas sociais relevantes serão pela inclusão social de setores sociais que antes eram excluídos por estarem em desigualdade socioeconômica e que agora estão excluídos também por suas desigualdades socioculturais (dadas pelo sistema educacional, pela raça, etnia, sexo, etc). (GOHN, 2008, p.11 e 12)

O cinema é um recurso que pode ser usado para desconstrução de estereótipos e produção de novas representações, devido as experiências e a extração de novas possibilidades, conhecimentos e olhares que perpassam o campo dialógico formado pela relação com o filme. Motta e Fusaro relatam que o “Momento de exercício de sensibilização sensória, óptica e auditiva que ele [sujeito] poderá estender à própria vida, tornando-se mais sensível aos fatos da percepção e de sua própria interação nesse processo”. O Mate trabalha com a visão de que as pessoas não são meros consumidores de cultura com a indústria cultural deseja, os sujeitos são afetados e afetam todo que cenário de discussão. Trazer outras manifestações culturais para intercambiar os diálogos produzidos nas experiências do audiovisual justamente com os cineasta do filme contribuí para uma formação política e coletiva de todos os envolvidos no processo. O cineclubismo é uma possibilidade de promoção para uma democratização da sociedade, pois as experiências do audiovisual contribuí para formação de sujeitos críticos, questionadores e transformadores de realidades.

Resultados

Pretendemos alcançar com as discussões e reflexões relatadas neste artigo, a visão que o cineclubismo pode ser um aliado na desconstrução de estereótipos culturais, sociais, étnico- raciais e de gênero e instrumento de emancipação dos sujeitos antes excluídos de demonstrar suas histórias, conhecimentos e culturas no cinema e na sociedade.

Não visamos o uso do cineclubismo como recurso puramente pedagógico e didático. O cineclubismo é um espaço de formação de diálogos e discursos críticos sobre as mensagens que os filmes querem transmitir. É um espaço de construção de conhecimento e não complementação lúdica de um conhecimento já dado. Partimos do pressuposto que a função educativa do cinema é de acordo com a visão de Marçal (2013, p.4) “O cinema que educa é aquele que faz pensar o próprio cinema e as variadas experiências e questões que são colocadas. Ele é capaz de provocar a reflexão e perceber as visões de mundo”.

Conclusão

As tecnologias permite o sujeito estabelecer uma relação com o meio social, cultural e acesso ao conhecimento de forma rápida e significativa. Elas contribuem para construção de novos conhecimentos. O cineclubismo é um desses instrumentos tecnológicos que através da papel crítico e formador possibilita a formação de indivíduos críticos, politizados e transformadores da realidade atual. Através do seu papel na formação de uma leitura crítica cinematográfica e nas possibilidades de experimentação, o cineclube proporcionadiálogos ricos em conhecimentos, representações, questionamentos e significados.

O Cineclube Mate com Angu com a proposta de valorização da cultura e da história, principalmente locais, e a participação dos sujeitos nos processos dialógicos do cinema possibilita experiências que trazem novas formas de ser, estar e enxergar o mundo através do convívio com diferentes representações, visões e formas de se fazer cultura. O Mate com Angu é um espaço de formação, construção e reflexão, proporcionando ao sujeitos a construírem suas vozes e lutas no espaço dialógico do cinema. Ao se verem inseridos no cineclube, os sujeitos são levados a enxergar e produzir novas realidades, perspectivas e identidades, contribuindo para a desconstrução dos estereótipos da Baixada, na produção de novas subjetividades e na promoção da equidade.

Referências

BUTRUCÉ, Débora. Cineclubismo no Brasil: esboço de uma história. Acervo: Revista do Arquivo Nacional, Rio de Janeiro, v. 16, nº1, p.117- 124, jan./jun. 2003. Disponível em <<http://revista.arquivonacional.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/140/140>> Acesso em: 10/04/2018

DELEUZE, Gilles. Crítica e Clínica; tradução Peter PálPelbart – 1.ed. – São Paulo: Editora 34, 1997.

GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal e cultura política: impactos sobre o associativismo do terceiro setor.- 4.ed – São Paulo, Cortez, 2008.

HB, Heraldo. O cerol fininho da Baixada: História do cineclube Mate com Angu. -v.5 -Rio de Janeiro: Aeroplano, 2013.

MALACHIAS, Rosangela - Comunicação, Educação e Arte - Interfaces para o enfrentamento do racismo. Revista CRIOULA n°. 19, 1o. sem. 2017a. Disponível em <<https://www.revistas.usp.br/crioula/article/view/133967/129991>> Acesso em: 10/04/2018

MALACHIAS, Rosangela - Práticas educomunicativas e teorias interdisciplinares no combate ao racismo. Revista Identidade Científica do Grupo de Pesquisa GEPEC – Faculdade de Comunicação social de Presidente Prudente – UNOESTE – vol. 01 – número 03 – Novembro de 2004. Disponível em:

[http://www.erudito.fea.usp.br/PortalFEA/Repositorio/1181/Documentos/Artigo Praticas Educomunicativas.pdf](http://www.erudito.fea.usp.br/PortalFEA/Repositorio/1181/Documentos/Artigo_Praticas_Educomunicativas.pdf) Acesso em: 10/04/2018

MARÇAL, Carla. Cinema e educação: Socialização, visões de mundo e subjetividades dos juvenludes. Universidade Federal de Ouro Preto: 2013. Disponível em <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/9o-encontro-2013/artigos/gt-historia-da-midia-audiovisual-e-visual/cinema-e-educacao-socializacao-visoes-de-mundo-e-subjetividades-das-juvenludes>> Acesso em: 10/04/2018

MOTTA, Leda Tenório; FUSARO, Márcia do Carmo Felismino. Cinema e educação: Reflexões e interfaces. Revista Comunicação e Educação, São Paulo, v.19, p.39- 49, jul/dez. 2014. Disponível em <<http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/81276/87469>> Acesso em: 10/04/2018

STUART, Hall. A identidade na pós-modernidade; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaciara Lopes Louro – 11.ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2006.